

PANORAMA ECONÔMICO

Miriam Leitão com Débora Thomé

País dos juros

O Brasil sempre teve juros altos demais. Para manter a inflação controlada, a dose do remédio aqui foi mais alta do que em outros países. E hoje, mesmo que os tempos sejam outros, com a alta de preços sob controle, esta seqüela de um país que conviveu com a superinflação por 30 anos se manteve. Com esse histórico, a ata do Copom assustou: por ela, ficou-se sabendo que os juros devem voltar a subir.

Mas será mesmo necessário – e eficaz – subir ainda mais os juros brasileiros? Na última reunião do Copom, na semana passada, o Brasil voltou ao topo de um *ranking* indesejável, o de maior juro real do mundo. Considerando a taxa nominal, descontada a expectativa de inflação para os próximos 12 meses, estamos na liderança, segundo um levantamento da *Up-trend Consultoria*, com juros de 6,7%. Logo atrás vem a Turquia, também com 6,7%, e bem depois a Austrália, com 4,9%. Na classificação pela taxa nominal, somos os terceiros, estamos atrás de Venezuela e Turquia, mas ambas registram inflação mais alta do que a nossa.

É inegável que o Brasil tem atualmente juros bem mais baixos que outrora. Para lembrar, em setembro de 2005, por exemplo, o país também liderava a lista, mas, na época, estava com juro real de 11%. Em abril de 2007, ainda na dianteira, já estava a 8,5%. De fato, o número de agora é bem menor, mas comparando-o com o de outros países, nada mudou: nosso juro real continua o mais alto.

Com a inflação subindo mundo afora, esta tendência de baixa pode até começar a mudar, mas, por enquanto, pelo menos aqui no Brasil, a inflação continua sob controle. No primeiro trimestre do ano, ela veio,

inclusive, abaixo da expectativa de muitas pessoas no mercado. A alta de preços desacelerou, mas, mesmo assim, a ata do Copom de março piorou o tom em relação à de janeiro. O Banco Central valorizou mais o aumento do consumo do que a boa notícia da inflação. O BC demonstrou na ata excessiva preocupação com a pressão da demanda sobre a inflação. Tanto que chegou a cogitar aumentar os juros já nesta última reunião; e não descartou fazê-lo em breve.

Paulo Tenani, chefe de pesquisa do UBS Wealth Management, é um crítico desta atual política de juros. Segundo ele, o que ocorre no Brasil é que, com taxas muito altas por muito tempo, a parte da demanda que é sensível a um aumento de juros de 0,25 ponto percentual ou mesmo 0,50 p.p. é muito baixa. Ou seja, pequenos aumentos teriam muito pouco impacto para reduzir a pressão na demanda que, segundo o BC, é o que tem preocupado.

"No Brasil, é diferente do que acontece na Europa. Aqui uma alta pequena não surte efeito a não ser no câmbio. Uma mudança assim tem pouquíssimo efeito, por exemplo, no consumo de bens duráveis", diz ele.

Tenani acredita que uma alta dos juros pode funcionar, sim, para conter a inflação, mas de uma forma indireta. Quando eles sobem, normalmente, atraem mais dólares, que andam migrando pelo mundo atrás de maior rentabilidade (a taxa de Estados Unidos está em apenas 3%). Assim, a moeda americana acaba caindo e derrubando a inflação. "O Banco Central brasileiro tem sido extremamente conservador. Deve ser por causa do passado de hiperinflação. Mas ele acaba agindo mesmo é sobre o câmbio. Seria mais eficiente se estivesse atuando, por exemplo, junto à Fazenda, na redução de gastos, isso ajudaria a conter a inflação. Atuar na política fiscal poderia dar mais resultado agora", defende Paulo Tenani.

O professor Rubens Penha Cysne, da EPGE/FGV, tem visão semelhante: "Melhor que subir os juros agora para controlar a inflação seria agir em outros campos, como o fiscal, junto à Fazenda. O perigo de subir juros é que isso tira não só o oxigênio da inflação, mas também dos investimentos, que

+ Comentários (0)

Valor Comercial: R\$ 5.952,00 (aproximado) | Citação na Página: 1 | Parágrafo: 6 | Incluída em: 19/03/2008 20:25:00 |



 Imprimir PDF (formato A4)
  Enviar (Formulário)
  Enviar (por e-mail)
  Comente
  Fechar